

Culturese

Boletim de Divulgação Cultural da Escola Superior de Educação de Lisboa
14 de maio de 2018



111



- 3 EDITORIAL**
- 4 EVENTOS NA ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA**
- 8 EVENTOS NA ESELX**
- 12 SUGESTÃO**

Para o último número do *CulturESE* deste ano letivo, propomos uma seleção variada de propostas culturais e educativas. Na ESELx, inúmeros são os seminários e encontros que terão lugar nesta última quinzena do mês: sobre leitura e escrita, sobre projetos artísticos e culturais, sucesso escolar e alfabetização, matemática e ciências experimentais. Sem esquecer o V encontro de literatura para a infância que terá lugar já no dia 19.

Na cidade, começou uma verdadeira festa de acontecimentos como que a preparar o verão que se aproxima. Destacamos a excelente exposição “Pós-pop – Fora do lugar comum”, apresentada pela Fundação Calouste Gulbenkian, e que agrupa um conjunto vasto de obras de artistas portugueses e ingleses, todos eles reunidos numa crítica bem-humorada à *Pop Art* dos anos 50 do século XX. Dos artistas portugueses, poderemos ver e apreciar obras de Clara Menéres, João Cutileiro, José de Guimarães, entre muitos outros.

Maio é também o mês da Feira Internacional de Arte Contemporânea (Arco), que, pelo segundo ano consecutivo, estende até Lisboa o seu dinamismo criativo e contagiante. Este ano, além das habituais galerias, nacionais e internacionais, dos fóruns de debates e reflexão, haverá também espaço para editoras e livrarias independentes assim como iniciativas dirigidas ao público mais jovem. É no belíssimo espaço da Cordoaria Nacional.

Maio é também o mês em que se celebra, tanto de dia como de noite, os museus e as suas peças raras. Nos dias 18 e 19, todos os museus da cidade abrirão gratuitamente as suas portas não só para mostrar os seus habituais espólios, mas também para oferecer aos visitantes de todas as idades um conjunto variado de desafios artísticos e culturais. A não perder e a não dormir!

Para terminar, chamamos a atenção para os textos premiados do concurso Belas Letras do IPL deste ano: José Miguel Bastos, mestrando da Escola Superior de Comunicação Social, e Maria Marta de Almeida Soares, aluna da Escola Superior de Educação de Lisboa, foram os vencedores, em prosa e poesia, desta edição. Parabéns aos dois! Que este prémio seja o prenúncio de uma longa carreira literária.

Boas escolhas, bons espetáculos!

Eventos na área metropolitana de Lisboa

EXPOSIÇÃO

Pós-pop. Fora do lugar comum | Fundação Calouste Gulbenkian
Até 10 de setembro de 2018 | 10h00-18h00

Esta exposição apresenta, na sua grande maioria, obras produzidas entre 1965 e 1975, em Portugal e Inglaterra. Em algumas delas, nota-se uma unidade que tem a ver com a divergência bem-humorada em relação ao lugar-comum proposto pela *Pop Art*. E, no caso dos artistas portugueses, verdadeiros trãnsfugas da mediocridade que se vivia em Portugal, encontramos um laço comum que foi o terem procurado inspiração e incentivo no estrangeiro, em Paris, e, sobretudo, em Londres, verdadeira meca dos anos 1960. A crítica à *Pop Art* surge na segunda metade da década de 1960. No caso dos artistas portugueses é simultânea à experimentação em torno desta linguagem, cuja assimilação, por sua vez, surge desviada ou desviante, permitindo alargar e transformar a zona de influência da Pop. A obra realizada por Teresa Magalhães em finais dos anos 1960, praticamente inédita até hoje, exemplifica esta assimilação, enquanto a obra de Ruy Leitão, desenvolvida em Londres e estimulada por um contexto académico muito informado – o artista foi aluno de Patrick Caulfield que o considerava um dos seus mais brilhantes estudantes –, se situa numa zona de afastamento crítico que designámos de «pós-pop». Outro laço comum entre todos estes artistas é o pensamento interventivo que desenvolvem sobre o próprio objeto artístico enquanto tal, o que os situa nos primeiros ensaios da arte conceptual sem, no entanto, abandonarem a vontade de comunicação que está na origem da Pop. Trata-se da emergência de novas linguagens artísticas, vivida em primeira mão num contexto anglo-saxónico. A influência inglesa em Portugal acentua-se com a saída de muitos artistas para Londres. Os artistas portugueses reagem à situação anacrónica do país, à guerra colonial que começa em 1961 e se arrasta até ao 25 de Abril de 1974, data que lhe põe fim e instaura a democracia em Portugal. Apresentam-se algumas obras de artistas ingleses, com um notório desvio da Pop – Bernard Cohen, Tom Phillips, Jeremy Moon, Allen Jones, entre outros –, a par com um maior

4



Allen Jones (1937) «Aula de Modelo B (Tocando o Sapato, Rosa)», 1968 Litografia sobre papel, 82,8 × 56,4 cm. Cortesia Coleção British Council, no. P1201



número de obras de artistas portugueses como Teresa Magalhães, Ruy Leitão, Eduardo Batarda, Menez, Nikias Skapinakis, Fátima Vaz, Clara Menéres, João Cutileiro, José de Guimarães, entre muitos outros. **Curadoria: Ana Vasconcelos e Patrícia Rosas**

Custo: 5euros | Saber mais aqui

LITERATURA

Ciclo Poesia no Museu | Museu da Música
16 de maio de 2018 | 19h00

É uma oportunidade rara de ouvir António Feijó falar de Fernando Pessoa, fora dos lugares comuns pessoanos e das ideias construídas a partir de uma visão fragmentária do poeta. Será bom descobrir um novo Pessoa!

Entrada livre | Saber mais aqui

5

TEATRO

O Hóspede | Joe Orton | Comuna – Teatro de Pesquisa Até 24 de junho de 2018

O *Hóspede*, de Joe Orton, é uma comédia bizarra que conta a história de Xavier, um jovem que aluga um quarto a dois irmãos (Catarina e Alberto). Xavier é um jovem amoral que manipula os dois irmãos a seu belo prazer. Todos falam de princípios morais enquanto, e acima de tudo, segregam o cadáver da Civilização Ocidental. Como todas as peças de Joe Orton, *O Hóspede* provocou, aquando da sua estreia em Inglaterra, em 1964, grande controvérsia, por pôr em causa a moral tradicional, reunindo, com a mesma intensidade, grandes aplausos e violentas críticas. Com Carlos Paulo, Carlos Vieira de Almeida, Elsa Galvão, Hugo Franco. Encenação de João Mota.

Reserva de bilhetes aqui

FEIRA

ARCO Lisboa – Feira Internacional de Arte Contemporânea | Cordoaria Nacional 17 a 20 de maio de 2018 | 14h00-21h00 | Dia 20 | 12h00-18h00

A ARCOLisboa 2018 voltará a converter-se no grande evento artístico e social da capital de 17 a 20 de maio. Com a qualidade dos conteúdos como principal objetivo, a Cordoaria Nacional terá a participação de 68 galerias. O programa geral será composto por 50 galerias selecionadas pelo Comité Organizador, e a secção *Opening* contará com a participação de 8 galerias nacionais e internacionais com menos de sete anos de antiguidade, selecionadas por João Laia, escritor e comissário português. Como novidade, este ano serão incorporados 10 projetos especiais também selecionados pelo Comité Organizador. Juntamente com o programa de galerias, a ARCOLisboa também acolherá a presença de editoras e livrarias portuguesas independentes no espaço *‘As tables are shelves’*, sob a seleção de Luiza Teixeira de Freitas. Paralelamente, o espaço Torreão Nascente da Cordoaria albergará um programa de debate e reflexão em torno do colecionismo e da atualidade criativa. Um fórum que reunirá destacados profissionais que permitirão o desenvolvimento de um intenso calendário de conferências. O programa contempla a realização do Fórum de Colecionismo, coordenado por Isabel Carlos, bem como do Fórum de Museus, e do II Encontro de Museus da Europa e da América Latina, dirigido por Pedro Gadanho. De

6



igual modo, e coordenadas por Filipa Oliveira, as sessões *‘Em que é que estou a trabalhar’*, reunirão profissionais internacionais para partilharem os seus projetos atuais e futuros. Além disso, este espaço contará com uma seleção de revistas de arte contemporânea. **Programação**

Custo: 15 euros (preço geral) | 5 euros (preço estudante) | Saber mais aqui

COMEMORAÇÃO

Dia e noite Internacional dos Museus | Locais vários 18 e 19 de maio de 2018 | 24 horas

Comemorado um pouco por toda a parte, o Dia Internacional dos Museus está de volta para a sua 35.ª edição. Sob o tema Museus num Mundo em Mudanças: Novos Desafios, Novas Inspirações, uma panóplia de atividades e eventos vão dinamizar o espaço de diversas instituições com concertos, filmes e exposições. Ateliês para crianças, visitas guiadas e palestras não vão faltar. Sempre com horário alargado e amigo da carteira, ou seja, gratuito. Em Portugal, e um pouco por todo o mundo, o Dia Internacional dos Museus assim como a Noite dos Museus são adaptados a cada instituição. Este ano, o dia é comemorado na sexta-feira, 18, e a noite, no dia seguinte — sábado, dia 19 de maio. Algumas atividades e eventos merecem destaque: o MUDE organiza uma performance teatral com a colaboração da St. Julian's School intitulada *‘A Museum for the Broken Hearted’* (com sessões às 15h, 18h e 21h, a 18 de Maio); o Museu Bordalo Pinheiro organiza uma série de visitas guiadas ao espaço e à exposição *‘Bicharada’* de Teresa Cortez (dia 18); o Museu da Cidade propõe uma conferência, *‘Intervenção Arqueológica na Praça D. Luís I em Lisboa’* (às 17h de 18); o Museu Nacional de Arte Antiga inaugura no sábado, 19, uma série de exposições, entre as quais *‘MNAA Olhares Contemporâneos. Residência Fundação EDP no Museu Nacional de Arte Antiga’* que inclui obras de autores contemporâneos que podem ser vistas pelos jardins do museu; e o Museu do Fado faz *‘visitas cantadas’* com a colaboração de Lina Rodrigues (dias 18 e 19 às 16h30 e 21h).

Susana Pomba e Sara Dias Fonseca

Entrada livre | Saber mais aqui



Eventos na Eselx

SEMINÁRIOS

Da leitura à escrita: os géneros na sala de aula | ESELx | Sala 202
15 de maio de 2018 | 8h15 – 10h30

No âmbito da Unidade Curricular “Gramática e Texto” (Curso de Educação Básica), este seminário contará com duas intervenções:

Os textos de Estudo do Meio: ensino da leitura e da escrita e conhecimento linguístico

Por Teresa Costa-Pereira, Instituto de Educação, Universidade de Lisboa

O género textual e-mail na sala de aula: aplicação de uma sequência didática

Por Eneida Dornellas de Carvalho, Universidade Estadual de Paraíba, Brasil

Entrada livre

Ciclo de seminários de Mediação Artística e Cultural | ESELx | Sala 302

15 e 21 de maio de 2018 respetivamente | 14h00

Criação, Gestão, dinamização de uma estrutura associativa de participação cultural

Nesta sessão, a Dra. Joana Grilo apresentará o espaço cultural Com Calma.

Mediação Artística e Cultural e Redes de parcerias

Nesta sessão, a Dra Marta Martins apresentará o projeto de cooperação cultural Artemrede.

Entrada livre



7º seminário de Matemática e Ciências Experimentais | Metodologia de trabalho de projeto – Potencialidades e desafios IESELx
12 de julho de 2018

A Metodologia de Trabalho de Projeto ocupa um lugar central na prática pedagógica dos/as educadores/as e professores/as. A implementação, ainda como experiência pedagógica no presente ano letivo, do projeto de autonomia e flexibilidade curricular dos ensinos básico e secundário trouxe, no próprio Decreto-Lei, a Metodologia de Trabalho de Projeto para o centro da organização curricular (Artigo 13º “Desenvolvimento do planeamento curricular”). Esta omnipresença da Metodologia de Trabalho de Projeto leva à necessidade de discuti-la e clarificá-la em relação direta com o trabalho concreto desenvolvido nas escolas, as conceções dos/as educadores/as e professores/as relativas à sua implementação e os obstáculos de ordem teórica e prática que se levantam. O uso generalizado da Metodologia de Trabalho de Projeto, pode não ser sinónimo de uma apropriação por parte dos/as educadores/as e professores/as: para que tal aconteça é necessário que a compreensão das limitações e potencialidades da Metodologia de Trabalho de Projeto acompanhe a sua implementação. O VII Seminário pretende dar um contributo neste sentido. Dando continuidade aos seminários anteriores, o VII Seminário caracteriza-se como um espaço de partilha de práticas e estudos que contribuam para o desenvolvimento profissional de todos/as os/as participantes. Tem como destinatários profissionais da educação pré-escolar e dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, estudantes e docentes de instituições de ensino superior que formam docentes e educadores/as, professores/as de outros níveis de ensino, assim como investigadores/as e demais profissionais ligados/as à educação formal e não formal. Por fim, dando continuidade ao trabalho iniciado no Seminário anterior, o VII Seminário abre uma chamada de comunicações, procurando, também desta forma, afirmar-se como espaço de partilha e construção partilhada de conhecimento. **Comissão organizadora**

Saber mais aqui



ENCONTRO

IX Encontro Língua Portuguesa nos primeiros anos de escolaridade: investigação e boas práticas | III Jornadas Internacionais de Leitura, Educação e Sucesso Escolar | IV Jornadas Internacionais de Alfabetização | ESELx
6 e 7 de julho de 2018

Um dos desafios sociais do século XXI é o de assegurar que todos os indivíduos atinjam níveis de literacia que propiciem sucesso académico e integração social. Valoriza-se a aprendizagem das competências de leitura e escrita, quer como instrumentos de aprendizagem, quer como meios de exercício de cidadania. Em 2017, em Braga, na Universidade do Minho, pela primeira vez, juntaram-se dois eventos internacionais sobre leitura e escrita: as **II Jornadas Internacionais de Leitura, Escrita e Sucesso Escolar** e as **III Jornadas Internacionais de Alfabetização**.

Em 2018, na Escola Superior de Educação (ESELx) do Instituto Politécnico de Lisboa, renova-se esta vontade de pôr em diálogo investigadores de diferentes latitudes, com preocupações similares. Juntando ao **IX Encontro Língua Portuguesa nos primeiros anos de escolaridade: investigação e boas práticas** as *III Jornadas Internacionais de Leitura, Educação e Sucesso Escolar* e as *IV Jornadas Internacionais de Alfabetização*, congrega-se, num evento que se quer múltiplo, estudo e questionamento em torno de uma problemática central das sociedades contemporâneas: formar cidadãos letrados capazes de intervir usando de forma crítica a leitura e a escrita. Os Encontros de **Língua Portuguesa nos primeiros anos de escolaridade** realizam-se bianualmente na ESELx desde 2002. Articulados com a formação inicial, contínua e pós-graduada de professores e educadores, têm como foco o ensino e a aprendizagem da língua nos primeiros anos de escolaridade (3-12 anos). Os encontros têm sido um espaço privilegiado para a discussão entre investigadores, professores e formadores sobre ensino e aprendizagem da língua -leitura, escrita, oralidade, conhecimento linguístico e metalinguístico, comportamentos emergentes de literacia.

As **Jornadas Internacionais de Alfabetização**, que se encontram na sua 4ª edição, tiveram início no Brasil em 2005. Ao longo das suas 13 edições realizadas sem interrupções, o evento teve sede em três grandes universidades brasileiras: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS (até a 10ª edição); Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN, que sediou as duas edições seguintes; Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, que sediou a edição de 2016.

Em 2016, foi realizada a primeira edição das **Jornadas Internacionais de Leitura, Educação e Sucesso Escolar**, com o objetivo de proporcionar um espaço de apresentação e de discussão dos resultados da investigação na área da leitura e da escrita, sob as óticas da investigação básica, da investigação aplicada e da didática, que contribuíssem para responder às questões: Quais os problemas associados ao ensino/aprendizagem da leitura e da escrita? Como se explicam? Como se podem resolver?

A ESELx é a herdeira da escola Normal de Lisboa, a primeira instituição pública a formar professores em Portugal. A fundação da escola data de 1862, encontrando-se no edifício atual desde 1911. Com uma longa tradição, a ESELx é a única escola pública do distrito de Lisboa a formar Educadores e Professores dos 0 aos 12 anos.

Aliando tradição e inovação, muito nos honra acolher estas jornadas. A organização conjunta do Instituto Politécnico de Lisboa, da Universidade do Minho, da Universidade Federal de Rio Grande do Norte, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS e da Universidade Federal de Pernambuco visa a partilha do trabalho realizado nestas áreas, dando conta dos avanços na investigação da leitura e da escrita. Os participantes terão oportunidade de assistir a conferências, participar em simpósios, cursos e em workshops que permitem uma abordagem mais aprofundada de determinadas temáticas. **Comissão organizadora**

Incrições aqui



Prémio literário Belas Letras IPL 2018

PROSA

O que há pra vir

O que tem de ser

por José Miguel Bastos

E agora?

Acordou pela primeira vez em muito tempo abraçada ao lado frio da cama, com a cidadezinha à segunda feira a esfregar-se do seu ar e do que nele arde, num silêncio que interrompeu anos de locutores pelas sete certas a enxotá-la de mansinho até onde tinha de ir para limpar as unhas e pôr cor-nos ao diabo.

E agora? Estou ainda aqui nestes solilóquios em que a grande marquesa é a cadeira mais dura, olha-se no espelho aquilo que nos convém. O calor vem do fundo, dali donde fez filhos à canzana como criatura de esgoto e mudou o corrimento aos lençóis, donde andou de gatas a apanhar pêlos de barba e sangue e a pôr calço na cabeceira para nivelar o salmo noventa e um ao escuro, a bíblia aberta ao deus dará numa modorrenta oração que lhe me-teu a filha na faculdade pública, e pôs mão firme ao cirurgião que lhe abriu o marido para o ir salvar por dentro por entre afastadores em peregrinação contida até a fechar definitivamente junto dos dicionários, dos suplementos dos jornais e dos poetas vizinhos à terra, lá onde não estorva ao pó. E logo todo esse calor como fundo se dissolve no vapor do banho tomado. Procura então um melhor ângulo. Nenhum. Procura procura por entre os cantos e tudo o que encontra é o ressoado de si mesma e um tempo, um tempo que vai enquanto se tenta adivinhar quanto da vida já se fechou, que fica claustro entre a sucessão de coisas a fazer nos lugares a que se tem de ir e que deixa apenas as rugas a assombrar o resto ou coisa nenhuma que por qualquer sorte há de vir mais a pergunta de quanto tempo cabe em cinquenta e quês escarnecidos anos pois resolvida a vida a uma equação talvez caiba e-xa-ta-men-te toda a sua eternidade.

São quantos? E oito? Feliz aniversário. E o soalho é o mesmo e havendo quem o esfregue ainda há de brilhar. Foi ela quem mais se desgastou mesmo só se tendo dado na medida certa que podia. Os olhos bem dormidos

continuam papos escuros de cansaço e desdobram essa coisa de estar ve-lha, grisalha e vencida pelo sono sem sequer ainda ponta de grisalho porque para saber precisamente quando não importa se se esconde em técnicas de coloração baratas tampouco se guarda a grande poesia em gavetas por cima das verdades do mundo, basta um espelho fosco e quem se olhe nele enrolada numa toalha que segura tudo o que murcha num corpo feito do en-tulho dos anos, e duas mãos que a atirem ao chão para procurar um cancro em cada mama. E agora querem obrigar isto a ficar vivo? Ela já quase pronta para se deixar cheirar a velha e sentar os ossos em croché a queixar-se da morte sabendo que ela se começa por trás a escutar todo o queixume de um canto qualquer com os gestos da sua mãe a vincar trapos e a perguntarlhe o porquê de se ter desperdiçado não num homem, mas naquele prognata estúpido e sem maneiras, sabendo que por aqui e por estes tempos há muito mais do que aquilo que lhe foi prometido COITADA, que até ser minha senhora ó minha senhora para as meninas da misericórdia embrulhada em paninhos quentes, viveu toda a vida de cócoras no rebordo da pocilga a salpicar farelos em botas gastas para à noite ter um pires de migas e batata metido da boca ao bucho dos meninos. Ela já quase pronta para ficar louca em paz. Para confundir medicamentos com ciáticas, a sua solidão enrijeci-da pela surdez com o primeiro amor provençal que lhe falava baixinho por entre os dedos assim que o pimba começava do outro lado do adro. Para ter medo dos alzheimers agarrada a álbuns de veludo onde estão todas elas mãe, avó e tias várias a desfolhar em calo na eira de espigas, com os moços à caça do rei magenta e dos beijos; tenham todos dó da senhora que há de não tarda velhinha tratar varizes e reumáticas debruçada sob chás de aloé vera com a chávina a tremelicar-se em ondinhas na colher enquanto conta um por um len ta men te todos aqueles que a vão deixando só ao lume.

No entretanto força-se a manhã no rosto caído e pálido por inteiro que se vê dispor do seu tesouro as ninfas naquela ordem mística maybelline kiko l'oreal vindas em adoração de um mesmo Leste antigo. Chega-se a si com coragem ampliando as suas imperfeições que são o patíbulo de ter chegado a tanto, o que se extrai de se engasgar devagarinho no quotidiano, e cerra os caninos rotos numa pêra que à falta do pêssego também faz o serviço apesar de com qualquer coisa a menos. Vestida da melhor renda abafada por um mofo fino que a consome desde o casamento da sobrinha e um pincel, raspa a palidez desencavando a cor-de-marfim numa demorada demão onde tudo resto assente enquanto a fruta se oxida ali ao lado e o háli-to se regenera desde o fundo da traqueia. Um corretor espesso acende uma luz por debaixo dos olhos confundindo as raízes com penas, um aconchego na bochecha que cheira a baunilha mas não sabe a baunilha e lhe ressalta os ossos molares, e uma sombra que lhe vai amassando o nariz até que se pareça com um de mulher. Queima as pálpebras num halo quase laranja.

Prolonga as pestanas e o sorriso, arranjando-o num batom escarlate que da última vez que deu uso ainda não lhe haviam gretado os lábios e esses outros eram finos e beijavam. Cruzando-se por fim com a sua figura ainda baça sobre a tela com um olhar monómio voltado adentro, notou um pequenino brilho no reflexo que a fez engolir a beleza das coisas tristes. O rádio ligou-se e o que há momentos lhe repetia o seu desamparo dá-lhe agora a menina vaidosa no dia 25 a estrear as meias e os pompons a caminho da missa do galo, tendo com quem estar, com quem dançar e quem lhe segure o tempo e a ouça cantarolar uma outra estirpe de humilhação. Estamos ainda aqui

não tão velhas assim. Mulheres velhas vestem malha daquele aborrecimento púrpura e não se atrevem pensar comer um pêsego pela manhã antes de subir de salto à carreira.

- É um e meio

em duas moedas ao tablier do motorista de mão na pança suada que emitiu o bilhete e uma tentativa de lhe sentir o creme da mão olhando-a com desejo de alto a meio com os mesmos olhos o mesmo aperto e o mesmo trocado de quando parou pela primeira vez o carro na berma de uma estrada nacional num final de tarde escuro para se desencantar, adiante as reformadas com o cu muito afastado das costas olharam-na com a estranheza com que se olham matrioskas numa mercearia, reminiscentes de quando as pulseiras prata de lei lhes ficavam à larga antes dos inchaços e das consultas de cardiologia, e a cadela era viva e mijava onde as comadres se sentavam ali no saguão, mijava as primeiras pinguinhas a linguarejar o tegumento preto do nariz e logo uma palma engelhada num safanão bem dado mas o bicho sem aprender, o contabilista com o nariz e as orelhas atulhados da meia idade olhou-a a pensar que boa tão boa o que eu te fazia, mas não aqui, no motel mais barato com uma coxa entre cada mão e os saltos a abanarem-se nos meus ombros, e a puxar a pasta ao colo para se tapar de toda a gente. O melhor era não se ter divorciado quanto mais não seja poupava-se a chaticice aos miúdos e a solidão triste de chegar do escritório a camas por fazer ou aos ecos do seu próprio catarro, a menina da caixa de supermercado olhou-a como quem olha de baixo uma daquelas mulheres de espírito superior que estabelecem o tom para todas as outras num momento em que se esquece o absurdo e os estados da alma, o desempregado olhou-a a lembrar-se da sua mãe mais bonita até, mas decerto incapaz de fritar umas pataniscas daquelas que se repetem até à salsa se colar à gengiva, e as rapariguinhas do colégio com os seus peitinhos imarcescíveis olharam-na com a mesma indiferença que olham o brilho metálico na tenaz com que a senhora do bar ajeita os bolinhos de arroz na montra para os intervalos. E ela fingia focar-se em frente alheia a todo aquele bruxulear de olhos, buscando um lugar ao fundo na esperança que as cabeças se voltassem no mesmo ritmo lento do seu passo, enquanto escondia o rasgo dos lábios na

sua garganta de miúda que um solavanco de marcha quebrou.

A reformada a comentar sobre o dia ótimo; e os cochichos e as músicas entre ruído branco e as paisagens e as paragens e logo a cidade do lado e o motorista a fechar-lhe a porta no reflexo do retrovisor à espera que o vento quente do motor levantasse a orla rendada do vestido à passagem. Largada ali com um sol que queima a queimar a queimar foram só passos e pode ser já aqui numa ourivesaria com vitrines a dar para a cor do ouro da prata e do pechisbeque, ponteiros apontados a coisas de santos de emigrantes e a uma empregadita recostada a meditar sob papéis de contabilidade que logo se dispõe a ajudar a minha senhora num chelique falando-lhe de como tinha ficado mais airoso o dia agora com a presença que sua excelência radia. Minha senhora deseja ver ouro pra si mesma, um fiozinho não muito fino não muito grosso que lhe traga aconchego ao peito e ao pescoço. Mostra-lhe logo o que há e o há muito de bonito desde a linha simples ao entrançado, enquanto falam inevitavelmente sobre o calor fora de época, a ocasião do seu próprio aniversário e a mudança para o leite de soja que fez com que lhe fossem embora as cólicas à noite quando as interrompe um senhor de relógio ao pulso e um outro na palma. Minha senhora logo insiste que lhe despache a pilha nova enquanto ela vê o que melhor lhe serve e mexe muito. Mas ela diz que não que não, que meu senhor espera naturalmente pela sua vez enquanto se trata desse fiozinho e a meio da trapalhada de insistências entram por lá dentro mais duas mãe e filha que perguntam por cima de todos por uma prenda pra prima tão pequenina acabadinha de nascer ainda cruorina quer ver uma fotografia eu mostro-lhe olhe aqui esta bonequinha com a empregadita ainda à roda co' a coroa (esteja à vontade)

- Esteja à vontade

A casa cada vez mais pequena de tão cheia e ela ainda a mexer, com a empregadita a contar de relance os fios no mostrador não fosse um cair-lhe na mala sem querer acontece, tanto que já aconteceu (lá se foi o meu senhor)

- Vamos lá escolher essa prendinha

Mas não a da minha senhora, ainda não é melhor despachar a prendinha das outras que ela não tem pressa tem tempo e treme um pouco ainda

(uma molinha para a chucha com o nome da menininha gravo-o já)

-Esteja à vontade

(a recontar de relance)

Por fim de novo a sós mexeram mais mexeram ambas e experimentaram várias,

(os ponteiros foram andando) mas minha senhora apesar de inclinada a uma ou outra decide-se a não levar nada. Para já. Talvez volte na próxima semana com um prognata que lhe aprove a escolha.

E foi de boca enleada e de pés virados à porta que se viu pedir o tal favor por favor, que lhe esteve na nuca o tempo todo escondido pela vergonha
– Era a ver se me podia meter aqui um carimbo de como lhe vim pedir trabalho - levantado uma folha que parecia ali ter estado sempre no canto da mão – vou lá em breve e tenho de lhes mostrar seis. A empregadita começou por negar. Se ela soubesse a praga de desgraçados que todos os meses lhe aparecem ali à porta e se não vai levar nada, muito menos o ouro, ia ter ela de lhe levar ao menos uma nota das pequenas pelo carimbo. E não é má vontade, explicou-lhe - É política da casa.

E agora?

Perdida em si que nem uma pequenina parte de um ponto percentual à procura de um cravo para se revoltar contra as boas mãos que a governam, levantou o nariz da pochete contrafeita avistando do outro lado da rua, por entre as gentes norteadas, uma velha a passear uma corcunda e uma graça muito familiar. Eis senhora dona, por quem perguntou durante anos e anos com uma ternura tocante recebendo sempre a mesma resposta de que estava pra lá da sebe branca e das margaridas consigo mesma. Ensinoulhe quando moça tudo de lacticínios maquinarias e processos fabris por cima de uma depressão profunda que lhe diagnosticaram quando o Simões ou o Semedo ou outro qualquer que os anjos operários não têm nome, passou ao lado das marteladas e a encontrou fechada numa arca à procura da hipotermia estendida ao comprido com o zumbir do motor e o estropear arrependido do punho condensados no ar; e atiraram-na assim mesmo ainda tartamelando para a pensão de invalidez de onde passou a regar os morangos e os mirtilos com um cuidado celestial até a osteoporose exigir que se inclinasse ao chão numa reverência eterna a quem a salvou de uma desgraça para lhe dar uma outra, a de acariciar frutos desde a semente à espera de uma doença grave que se teima em demorar. Assim que as suas presenças se cruzaram levantou a mão à senhora dona num sorriso, não como quem acena, mas como quem se vê sozinha a afogar abraçando valerosa o que há pra vir o que tem de ser.



16

POESIA

Maria Marta de Almeida Soares

Évora

Muitas vezes me pergunto
porque me senti tão viva em ti,
tu, cujo branco
é paisagem que não termina,
é cemitério alastrado
para além dos teus ciprestes-muralhas.
Calcorreio mentalmente
as passadas que dei pela noite:
meus sapatos batendo o compasso na calçada,
e os sinos a ampliar o tempo.
Porque me sinto viva em ti?
Tu, cujo branco é paisagem
que o futuro não habita,
e é também o sol
a bater nos meus olhos fechados,
como antes, agora aconchegando-me.
Porque vives em mim,
Évora,
e me habitas à
luz do sol de todos os Invernos.



17

Sobre uma imagem de “Sol Menor”, de Joaquim Pinto e Nuno Leonel

No cimo de uma colina,
à beirinha à beirinha,
estava um estendal vazio,
apenas com um pano branco pendurado a meio.

As nuvens, em desafio,
espalhavam a luz mal distribuída,
mas aquele pano branco,
a meio pendurado,
para ele reclamava toda a luz daquele dia.

O vento que dali,
da beirinha da beirinha,
mergulhava, sem medo,
deslizando pela colina,
era com o pano que se envolvia
e o sacudia, sacudia.

O meu olhar também ali se prendia
preso com molas àquele pano,
àquele dia
e observava invejoso o acto de amor
e o prazer violento
que aquele pano sentia.

Sou eu aquele pano.
Um dia perco as molas.
Um dia.



Recomeço

Do corpo vazio desdobram-se
passos mecânicos,
sem paz ao estar parados.
A garganta trinca silêncios,
E a noite arrasta-se
pela existência adentro.

Não sabe que a alma germina palpitações secretas que ao universo pertencem:
É na obscuridade que a poesia conspira.

É nesta treva que um só gesto,
do desencanto inesperado,
consegue revolver do mais visceral abismo
uma tempestade que do tormento
se transforma em dia.

Ao olhar o teu corpo a mim entregue,
esquecido de si na minha respiração suspenso,
tremo ao sentir a alma que julgava ausente.

Neste teu instante infinito onde agora habito
há a paz do teu cabelo, dos teus ombros alongados em abraços.
Na minha noite és um sismo,
que abre um espaço em cada um dos meus centímetros
cerrados.

Tu e ela são aliados e eu não sabia.
No meu útero tu e a poesia conspiram
Um grito que não é treva, não é tormento.
Mas é vertigem, é abismo.

E o universo é a alma a cada instante a dar à luz um recomeço.



COMISSÃO EDITORIAL

Helena Barroso

Cátia Rijo

Matilde Braz

Carolina Araújo

DESIGN GRÁFICO

{DESIGNLAB4U}

Carla Henriques

CONTACTOS

culturese@eselx.ipl.pt

